

Comunicação organizacional, identidades e estéticas da diferença: análise de 2 (dois) anos dos discursos do Governo Federal frente à epidemia do vírus zika. ¹

Adriana Helena de Almeida Freitas
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG

Resumo

Este artigo se propõe a analisar os discursos do Governo federal frente ao elevado nascimento de crianças com microcefalia a partir de novembro de 2015 a fim de investigar de que maneiras o Governo, tomado enquanto organização, é afetado e busca afetar os públicos frente à emergência social desta diferença. As escolhas metodológicas do artigo baseam-se nas análises discursivas foucaultianas e as discussões dos dados é fundamentada nas reflexões acerca da construção de identidades nas organizações em Baldissera (2007, 2009) e nas compreensões das manifestações da estética no âmbito organizacional propostas por Marques e Mafra (2013, 2014 e 2017). Como principais resultados, evidencia-se que o governo leva um ano para deixar permitir a aparência dos sujeitos afetados pela microcefalia no Blog da Saúde e se apropria destas imagens para a conscientização do público. As iniciativas de atualização desta perspectiva dramatizada partem de agentes externos em relação à organização.

Palavras-chave

Microcefalia; diferença; identidades; comunicação organizacional; experiência estética.

Corpo do trabalho

Introdução

O presente artigo tem como objetivo dar continuidade a um trabalho de análise da aparição da microcefalia no contexto do surto de zika durante o final de 2015 nos discursos do Governo federal². Inicialmente foram analisadas publicações do blog da saúde (Ministério da

¹ Trabalho apresentado no espaço Jovem Pesquisador do XIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Esse artigo se constitui como um dos resultados preliminares do projeto de pesquisa “Políticas da diferença e estéticas da diferença: análise de acontecimentos públicos contemporâneos”, financiado pelo CNPq. Filia-se aos grupos de pesquisa Cods – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Democracia e Sociedade, e DIZ – Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença, parceiros na condução do supracitado projeto. As discussões realizadas nos grupos foram essenciais para o delineamento conceitual empreendido nesse texto. Resultados iniciais desta pesquisa foram apresentados no IV Seminário Internacional de Comunicação Organizacional, de 07 a 09 de dezembro de 2018, no Grupo de Trabalho “Práticas discursivas: pautas emergentes em Direitos Humanos no ambiente organizacional”, na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. O artigo intitulado “Comunicação organizacional, microcefalia e estéticas da diferença: análise dos discursos do Governo Federal, frente à epidemia do vírus do zika” apresentava uma análise das publicações de Dezembro de 2016 no Blog

Saúde) no intervalo de um mês a partir do início do surto (Dezembro de 2016). Neste trabalho observamos as publicações durante dois anos, destacando as aparições dos sujeitos afetados e as narrativas em torno dos mesmos na tentativa de observar possíveis afetações do Governo, tomado enquanto organização, frente à emergência pública dessa diferença.

O Brasil foi pioneiro na descoberta da relação entre o zika e a microcefalia, posteriormente associada a síndrome congênita do zika, que abrange outros sintomas causados pelo vírus no nascimento, como anomalias oculares e dilatação no ventrículo (a criança possui as dimensões cranianas adequadas, contudo o cérebro não se desenvolve adequadamente, de forma que uma área é preenchida com líquido) (Salge et al., 2016). São considerados casos de microcefalia aqueles em que o recém-nascido possui perímetro cefálico igual ou inferior a 32cm. As calcificações encontradas nos cérebros destas crianças podem afetar consideravelmente seu desenvolvimento.

Falar de crianças com microcefalia implica discutir múltiplas diferenças que vem a público. Implica, por exemplo em falar de gênero, uma vez que uma síndrome congênita representa a presença de um corpo feminino que, durante a gravidez, se encontra também adoecido. Nesse sentido, buscamos entender como o Governo, afetado pela ocorrência da microcefalia, discursa sobre e para essas famílias em vulnerabilidade social e para as mulheres destes núcleos familiares. Além disso, a microcefalia carrega consigo uma dimensão estética explícita pois afeta fisicamente um corpo e suas possibilidades de ação no espaço público.

Se compreendermos as organizações conforme propõe Baldissera (2007), como um lugar de constante disputa de sentidos é possível observar como o Governo federal tenta gerenciar e controlar o momento em que estas diferenças irrompem no espaço público, o que é impossível em sua totalidade devido à pluralidade de sujeitos envolvidos na situação.

De tal sorte, escolhemos analisar as publicações do Blog da Saúde do Ministério da Saúde, uma vez que ele busca informar o público geral em uma linguagem acessível. Utilizamos do mecanismo de busca do próprio site para pesquisar a palavra-chave “Microcefalia” e foram encontrados 59 resultados. Posteriormente foi observado que estes resultados não representariam a totalidade de publicações que mencionam o termo e sim um número limitado pelo site, de forma que as publicações exibidas ao selecionar as opções “Da mais antiga para a mais recente e Da mais recente para a mais antiga” não são as mesmas. Foi identificada, portanto, uma janela nas publicações entre Fevereiro e Outubro de 2016. A estratégia definida

da Saúde. No presente artigo o período de análise foi alargado e as questões teóricas ligadas à identidade organizacional tornaram-se preocupações centrais nas discussões propostas.

para analisar estes períodos foi buscar pelo termo microcefalia + mês, e foram obtidas pelo menos uma publicação por mês.

Optamos por analisar os discursos do governo federal sob a ótica foucaultiana, na tentativa de permitir que os discursos apareçam por si próprios em suas redes complexas. Buscamos analisá-los levando em consideração as relações históricas de poder em que se inserem e como seus enunciados e relações são atualizados em decorrência dos acontecimentos (FISCHER, 2001). Estes enunciados se encontram inseridos em determinadas formações discursivas, que operam específicas caracterizações de como e do que deve ser dito conforme as posições ocupadas em cada campo. Estas formações discursivas funcionariam “como matrizes de sentido, e os falantes nelas se reconheceriam, porque as significações ali lhes parecem óbvias, naturais”(FISHER, 2001, p. 204). No contexto da epidemia do zika, nos interessa observar como esses enunciados, orientados pelas formações discursivas da fala oficial (organização comunicada) expressam as relações de poder, aparência e visibilidade daqueles indivíduos acometidos pela microcefalia.

Inicialmente apresentamos algumas discussões teóricas acerca da comunicação organizacional e processos identitários em Baldissera (2007, 2009), em seguida discorreremos sobre a dimensão estética nas organizações conforme Marques e Mafra (2013,2014,2017). Por fim, partimos para a análise do material coletado durante a pesquisa e apresentamos os resultados do modo como os Governos foram afetados por essa diferença e procuraram, a partir de estratégias discursivas, afetar os públicos envolvidos no surto de zika, com foco especial nas mulheres e nos núcleos familiares.

Comunicação Organizacional e processos identitários

O conceito de comunicação organizacional que norteia este artigo segue a toada proposta por Baldissera (2008), em que esta representa o “processo de construção e disputa de sentidos nos âmbitos das relações organizacionais”. Isso se dá uma vez que as organizações são compostas por sujeitos diversos, cujas bagagens, desejos e objetivos pelos quais se inserem na organização são, por vezes conflitantes. As organizações se tornam, portanto, com base no Paradigma da Complexidade, não somente espaços de ordenação, estabilidade e organização, mas também de desordem, desestabilidade e desorganização. São estas forças em tensão que permitem que a organização se reinvente, regenere e se atualize, em meio às interações que estabelece.

Para Baldissera (2009) a comunicação organizacional não se limita apenas à fala oficial da organização - âmbito este chamado pelo autor de *organização comunicada* - , englobando

outras relações que se constroem no âmbito organizacional e fora dele, que de alguma forma se relacionem com a organização, nos conceitos de organização comunicante (relações que emergem dos públicos e atualizam os sistemas organizacionais, a partir de perturbações e novas propostas de ordenamentos) e organização falada (relações que se dão fora dos ambientes de gestão das organizações mas que também, em processos sistêmico e recursivo, influenciam as organizações, sobretudo em cenários de opinião pública e de emergências sociais de sentidos) (Baldissera, 2009). Neste artigo, contudo, nos interessa observar os discursos provenientes da ordem do que Baldissera (2009) define como organização comunicada, uma vez que tais discursos abarcam os complexos processos de tentativas de ordenamento das organizações frente à desordens instituídas; ou, dito por outras palavras, os discursos oficiais revelam as escolhas por construções identitárias das organizações, por meio dos processos e estratégias formais de comunicação, que revelam tentativas de lidar com as emergências/diferenças e de inserí-las frente aos processos identificatórios das organizações (Baldissera, 2007).

Nesse sentido, essa escolha se dá uma vez que o conceito de organização comunicada elucida que os modos como o Governo lida com os casos de microcefalia não são aleatórios. Qualquer escolha discursiva tomada por ele indica, de certa forma, os processos de significação sobre os quais essa organização enxerga esses cidadãos. A organização comunicada representa nesse caso, que tipo de ação pública é decorrente ou sustenta o modo como simbolicamente estes sujeitos afetados pelo zika e pela microcefalia são considerados pelo Governo.

A ordem da organização comunicada pode operar, e geralmente o faz, de maneira disciplinadora, na tentativa de suprimir possíveis conflitos que emerjam da pluralidade de sujeitos que se relacionam com a organização. Baldissera (2007) aponta algumas questões para a compreensão da construção das identidades desses sujeitos e das próprias organizações na comunicação organizacional.

Observa inicialmente como os sujeitos nutrem a impressão de possuírem uma identidade unificada quando esta se apresenta na realidade, fragmentada e multifacetada, superando estas perspectivas de que a identidade é algo “coeso, único, inalterável, original, pronto e indestrutível” (Baldissera, 2007, p.232). Compreende-se a identidade, portanto, como força (tensões) e tessitura (narratividade e historicidade) no que o autor denomina *complexus* de identificações e por meio destas, o sujeito tende a construir de maneira ilusória a noção de uma identidade única e linear.

O mesmo raciocínio se aplica às identidades organizacionais que se constroem de maneira híbrida por meio de processos dialógicos, dialéticos recursivos e hologramáticos (Baldissera,2007), de tal forma que esta também está sempre em devir, aberta. Os diálogos,

disputas, articulações internas e influências externas (re)definem, atualizam e transformam essas identidades e elas mesmas impactam da mesma maneira a construção das identidades de outros sujeitos, de seus públicos.

Com base no afirmado, pode-se dizer que sob a nomenclatura *público* estão amalgamados muitos sujeitos individuais, portanto muitas identidades e possibilidades identificatórias (tensões “eu” - “outro”), atualizadas em determinadas direções de acordo com as condições eco-histórico-psico-sócio-culturais e estruturais. Daí que as identificações não estão dadas; são qualidade do devir, do poder vir a ser (BALDISSERA, 2007, p.237).

As organizações, por sua vez dependem da simpatia (não necessariamente total) de seus públicos para que se desenvolvam: tal processo se constitui por meio da identificação com as políticas, princípios e procedimentos da organização (Baldissera, 2007). Para tal, o sujeito, por meio das representações, compreende como membros de determinado grupo cultural são definidos e devem se portar, neste conjunto de significações. Assim os públicos “constroem a identidade da organização com base em toda qualidade de informações, oficiais ou não, que recebem sobre aquela organização” (Baldissera, 2007, p.240).

Desta forma, cabe à organização comunicada estabelecer estratégias e narrativas que despertem a simpatia desses públicos, emergindo identidades aparentemente contínuas, coesas e coerentes, em que as diferenças internas aparecem representadas como uma unidade identitária.

A construção dessa identidade se dá, portanto, em um processo de tentativa de controle e apagamento das tensões presentes na organização. Contudo, como discutido, a comunicação organizacional pertence também ao âmbito do descontrole e é nessa disputa que novos sentidos podem ser ressignificados dentro de uma organização. É no conflito (moderado) que as identidades das organizações podem ser atualizadas, ainda que as estratégias discursivas das mesmas sempre tendam a tentar neutralizá-lo.

Comunicação Organizacional e dimensão estética

A tentativa de neutralização do conflito, e portanto, da diferença no âmbito organizacional utiliza-se de estratégias supostamente dialógicas, uma vez que a ausência total do diálogo (que seria, de fato, mais conveniente para as organizações) não desperta a simpatia dos públicos, uma vez que a noção de diálogo está moralmente associada ao bem (Marques; Mafra, 2017).

A falsa dialogicidade presente nas organizações é marcada pelo paradoxo em que suas motivações tendem a ser nada dialógicas, intencionando o controle, a ordem e a narrativa identitária coerente da organização. Contudo, sendo a organização um espaço de tensões e disputas de sentidos, tal objetivo torna-se inalcançável em sua totalidade. Nessa tentativa de controle, as organizações tentam (inutilmente) cercar o espaço de aparecimento de certos grupos. Para Rancière (1995), para que haja o diálogo é necessário que exista uma situação que o possibilite.

Essa situação, contudo não é composta pelos espaços dialógicos que a organização apresenta estrategicamente. A invenção do que Rancière (1995) denomina como cena polêmica se dá quando são expostas as pretensas igualdades/desigualdades dos sujeitos envolvidos. Tal cena demarca, para além da ação comunicativa, o status dos sujeitos como interlocutores, marcados pelo dissenso (Marques; Mafra 2013).

Na cena polêmica o reconhecimento destes sujeitos se dá pela superação das expectativas da composição do diálogo no ambiente organizacional por meio da estética. São abandonadas linguagens técnicas/administrativas em troca de uma poética da política, em que o que importa é o aparecimento do dano causado pelo dissenso, por essa diferença da partilha do sensível (Marques e Mafra, 2013). É o momento em que aqueles que não possuem parte no espaço público tentam tomá-la.

Para Rancière, motivada por um acontecimento que faz os sujeitos se perceberem e afirmarem como parte de um mundo comum (marcado pelo dissenso), a cena polêmica apresenta sujeitos cuja participação havia até então sido negada, se afirmando como seres de razão e discurso cujas ações são também uma demonstração de comunidade (Marques e Mafra, 2014).

Por isso, a experiência política dissensual é também permeada pela estética: o sujeito autônomo é um ser que toma a palavra encenando-a diante do outro, e é também um sujeito poético que reconfigura materialmente e simbolicamente o território do comum. (MARQUES E MAFRA, 2014, p.12)

Sendo assim, aceitando que quaisquer discursos oficiais, na visão de Baldissera (2007), representam tentativas de acomodações de conflitos, com vistas à construção de um “complexus identificatório” voltado à insinuar uma certa ordem; e compreendendo, portanto, que tal *complexus* é permeado por escolhas oficiais da organização, no sentido de indicar de que modo a organização insinua/escolhe/dissemina seus modos de ação frente ao acontecimento, partimos, no próximo tópico, à empreitada de analisar de que formas os sujeitos afetados pela microcefalia e pelo vírus zika aparecem nos discursos do Governo federal em um período de

dois anos. Investigamos em que medida estas aparições se dão graças a tomada da palavra destes sujeitos, que por meio da poética e da estética constroem suas próprias narrativas, que posteriormente, uma vez que ressignificadas como parte de um território sem conflitos, são apropriadas pelo Governo.

Análise

Em um trabalho anterior apresentado no IV Seminário Internacional de Comunicação Organizacional - SICO foram analisadas as publicações do Blog da Saúde no durante o primeiro mês após o início do aumento de nascimento de crianças com microcefalia, na tentativa de compreender que mecanismos discursivos apareceriam no momento da emergência, em que seriam acionadas as significações prévias do Governo a respeito destes sujeitos. Foi observado que o Ministério da Saúde de imediato se apresentava neutro em relação ao surto, se atendo a prestar esclarecimentos para a população. Logo em seguida, os discursos se voltam para o combate do mosquito vetor da doença, cuja narrativa de vida parece ser mais relevante que a das crianças ou das mães (FREITAS e MAFRA, 2018). No final do primeiro mês o Governo passou, finalmente a mencionar ações voltadas para estes sujeitos, mas ainda evitando qualquer aparição estética e negando a estes, portanto, o reconhecimento como sujeitos no espaço público.

Tal processo discursivo é definidor do modo como o próprio Governo insinua ações públicas para lidar com a microcefalia: se o mosquito se torna mais “humanizado” que os sujeitos, a ação pública se volta a atacar o vetor; por outro lado, se os sujeitos e suas vulnerabilidades emergem nos discursos oficiais, ações públicas previstas para lidar com seus direitos tendem a se tornar mais promissoras. Nesse caso, crianças e mulheres tornam-se públicos fundamentais, emergentes pelo acontecimento. No presente artigo, decidimos expandir o período de coleta de dados a fim de ampliar a possibilidade de outras reverberações e ressignificações dos sujeitos afetados pela microcefalia e seu aparecimento. Assim, pudemos observar, a partir de novos matizes frente aos discursos oficiais, o modo como os Governos tentaram acomodar e lidar com as emergências da microcefalia.

De janeiro a março de 2016, continuam a predominar as publicações centradas no combate ao *Aedes aegypti* e, em relação à microcefalia, são atualizadas informações técnicas e participações acadêmicas em eventos e fóruns. Já em abril de 2016 tem-se a primeira iniciativa em relação ao empoderamento das mulheres cujas vidas foram de alguma forma afetadas pelo surto do Zika, em parceria com a ONU. A publicação destaca a participação da embaixadora da ONU Mulheres Brasil, Camila Pitanga, em mais um vídeo de conscientização contra o

mosquito vetor do Zika e da dengue (Figura 2). Os mesmos recursos discursivos apresentados anteriormente são acionados na produção (trilha sonora dramática, personificação do mosquito, ideia de combate)³. A publicação apresenta também os materiais de divulgação da campanha, cartazes flyers e cartões que, de maneira geral, propõem às mulheres que a decisão de engravidar pertence a elas por meio do acesso a métodos contraceptivos fornecidos pelo Sistema Único de Saúde (Figura 1). Além disso, destacam a importância do pré-natal e da prevenção do Zika, combatendo os criadouros do mosquito e incentivando o uso de repelentes. Nos materiais também se menciona a importância da participação paterna e dos agentes de saúde.



Figura 1: Print representando a ênfase em métodos contraceptivos na campanha.

Fonte: Reprodução Blog da Saúde, 2016.

A matéria segue apresentando os outros aspectos do empoderamento proposto, como a discussão das condições raciais e socioeconômicas das mulheres afetadas pela epidemia. Menciona, ainda que brevemente, a discussão da possibilidade de interrupção da gravidez, debate cuja perspectiva oposta, de criminalização dos direitos reprodutivos vinha (e ainda vem) crescendo no contexto nacional. Aborda também o abandono paterno e a solidão dessas mães. A publicação, ainda que mantenha em destaque o combate ao *Aedes aegypti*, demonstra algum nível de afetação pela vida destas mulheres. O Governo parece associar em algum nível a garantia dos direitos das mulheres com o combate do mosquito, de maneira que atuar neste combate deva ser interpretado como um exercício dos direitos.

³Disponível em: <https://youtu.be/3J6NkkgwtPU>. Acesso em 11 MAR 2019

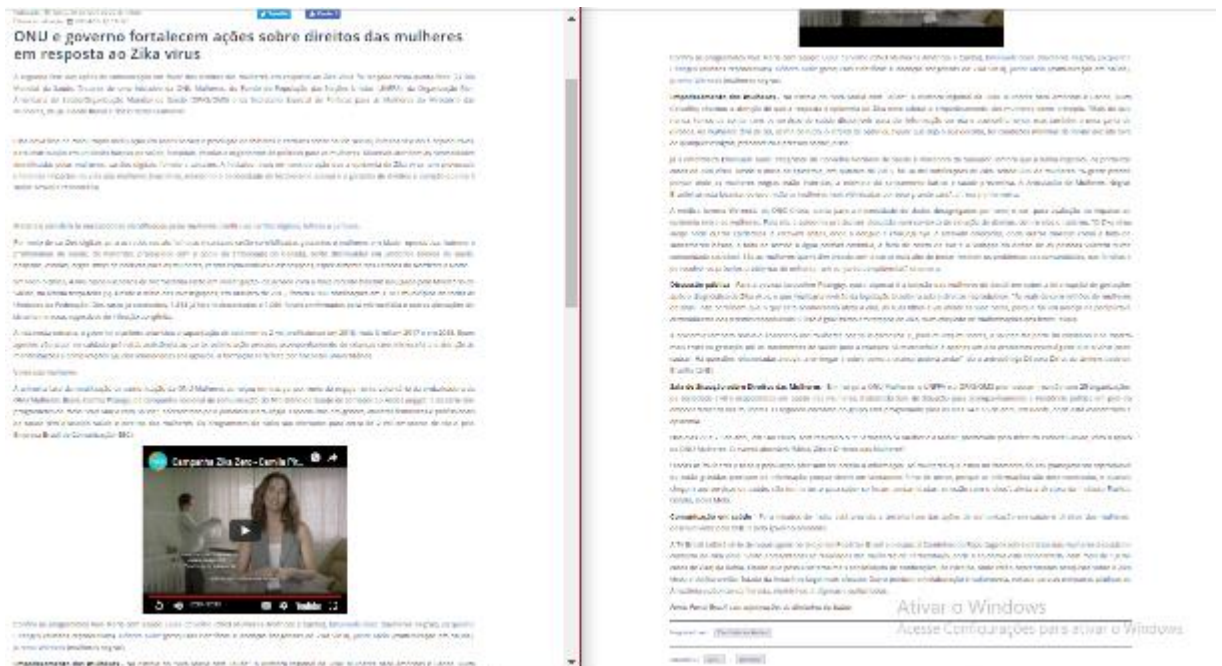


Figura 2: Print representando a publicação.

Fonte: Reprodução Blog da Saúde, 2016.

Em setembro e outubro de 2016 duas publicações (uma a respeito das medidas de saúde tomadas durante as Olimpíadas do mesmo ano e a outra sobre uma reunião para definição do plano de trabalho sobre o Zika) são ilustradas com fotografias de bebes, ambas sem a diferença aparente causada pela microcefalia. A segunda criança é fotografada tendo seu perímetro cefálico verificado (Figura 3). Em novembro do mesmo ano uma família aparece desenhada no anuncio de um curso sobre Microcefalia e Estimulação Precoce. A criança, no colo da mãe em uma consulta, também não aparenta ter sido afetada pela microcefalia (Figura 3).



Figura 3: Imagens presentes nas matérias descritas acima.
Reprodução Blog da Saúde, 2016.

Com base nestas ilustrações é possível observar que até o momento o Governo Federal ainda se mantinha ligado a perspectiva de confissão da existência dessas crianças, sem representá-las e portanto negando-as o direito à aparência no espaço público.

É em dezembro de 2016, um ano após o início do surto, que uma criança com microcefalia é vista em uma publicação do blog pela primeira vez. A publicação anexa um vídeo⁴ em que Suzana Lima, mãe de William, uma criança com microcefalia narra, em prantos durante a maior parte do vídeo, a história da descoberta que seu filho havia sido afetado pela epidemia do Zika (Figura 4). William aparece brevemente no vídeo que é construído na mesma narrativa dramática já apresentada e discutida neste trabalho. A mensagem geral da produção também segue os mesmos ideais de conscientização e combate ao vetor do vírus. Na imagem que ilustra a publicação Suzana aparece de perfil, observando o horizonte, aparentemente com os olhos marejados (Figura 5). A frase “Um simples mosquito pode marcar uma vida” é estampada no rosto da mulher. O Ministério escolhe se apropriar das imagens e das histórias destas pessoas na tentativa de afetar seus públicos, que ao combaterem o mosquito, evitarão sofrer da mesma maneira que aquela família.

⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hBtGq9HFtrw> Acesso em 11 MAR 2019



Figura 4: Print representando a publicação. Reprodução do Blog da Saúde



Figura 5: Detalhe da imagem que ilustra a publicação acima.

Fonte: Reprodução do Blog da Saúde, 2016

Em março de 2017 é possível observar as primeiras mudanças em relação à aparência das crianças com microcefalia. Uma publicação apresenta a realização de uma festa de aniversário para estas crianças por um hospital (Figura 6). Na matéria, não é observada nenhuma tentativa de dramatização ou conscientização com o uso da história destas crianças. É descrito um resumo de como aconteceu o evento e de como é o tratamento para as 20 crianças atendidas pelo hospital. Na imagem as crianças aparecem no colo de suas mães e ao lado dos “Doutlhaços da Alegria” durante a celebração. A naturalização presente no texto e na imagem indicam os primeiros passos para o reconhecimento destas pessoas como sujeitos no espaço público: uma vez sendo reconhecidos no complexus identificador da comunicação organizacional, tais sujeitos tendem a ser vistos em suas vulnerabilidades, necessidades e direitos, por ações públicas empreendidas pelo Governo.



Figura 6: Imagem mostra mães e crianças durante a festa de aniversário.

Fonte: Reprodução do Blog da Saúde, 2017.

Em junho de 2017 outro importante passo é dado para o aparecimento destas crianças. É divulgado pelo Ministério a exposição do Projeto MacroAmor, de autoria do fotógrafo Joelson Souza. A proposta do ensaio é registrar momentos em família destas crianças e a matéria é ilustrada por algumas fotos presentes na exposição.



Figura7: Imagens presentes na publicação.

Fonte: Joelson Souza (Fotógrafo), Reprodução do Blog da Saúde, 2017.

A publicação conta a história do surgimento da iniciativa e destaca o relacionamento de Joelson com as mães da UMA - União das Mães de Anjos. As famílias e o fotógrafo argumentam como as crianças são vistas e tratadas com preconceitos e quiseram com as fotos demonstrar que são famílias como quaisquer outras. A naturalização é novamente o mecanismo adotado na busca pelo aparecimento desses sujeitos, algo que também indica a presença de tais sujeitos nas identidades organizacionais disseminadas pela organização comunicada.

Em setembro de 2017 é publicada uma matéria sobre o Dia Nacional da Luta de Pessoas com deficiência e, de maneira geral, o post e o vídeo⁵ buscam conscientizar a população sobre o preconceito sofrido pelas pessoas com deficiência. No vídeo, Maria Diva, que possui uma deficiência locomotora, conta um pouco de suas experiências de vida e da filha Juliana, diagnosticada com microcefalia, entre outros personagens apresentando em seus pontos de vista a importância do combate ao preconceito. Mais uma vez, busca-se a naturalização da diferença para que esta passe a ser aceita na sociedade.

Em novembro de 2017 um publicação marca os dois anos do início do surto de Zika. Trata-se de um apanhado geral dos acontecimentos, onde apareceram os primeiros casos, medidas iniciais tomadas, etc. A matéria é acompanhada por um vídeo⁶ onde essa história é contada pelos profissionais da saúde envolvidos e pelas mães de algumas crianças afetadas pela microcefalia. Estas crianças aparecem o tempo inteiro, brincando, fazendo acompanhamento médico, nos colos. Foram necessários dois anos para que elas de fato aparecessem significativamente em um material próprio do Governo.

Ainda em novembro de 2017, contudo, pode-se observar o retorno a abordagem tradicional do Ministério: a dramatização para o combate do mosquito. Em uma publicação de divulgação da *campanha #mosquitonao* são apresentados 3 vídeos contando narrativas de vida de pessoas afetadas pelo Zika, Dengue e Chikungunya. No vídeo do Zika, Irailde conta, em lágrimas sobre a descoberta da microcefalia na filha (que só aparece por fotos) e destaca a importância dos cuidados contra o mosquito durante a gravidez. A frase “Todos os anos o *Aedes aegypti* tira a vida de pessoas ou as marca para sempre. Para mudarmos essa realidade, precisamos de você e a mudança começa pela sua casa” encerra o vídeo. Observa-se como em dois anos de microcefalia as estratégias comunicacionais do Governo se alteraram pouco em relação ao combate do mosquito que, apesar das eventuais e tardias aparições das crianças, permaneceu como o foco do Ministério nestes casos.

Conclusão

A demora de um ano para o surgimento das primeiras imagens das crianças com microcefalia reitera o que foi discutido no trabalho anteriores. A existência destes sujeitos como públicos e cidadãos aptos a serem atendidos por ações e políticas governamentais fica comprometida, de algum modo, se os mesmos não aparecem nas identidades da comunicação organizacional. Não considerar tais diferenças como parte de um novo ordenamento possível

⁵ Disponível em: <https://youtu.be/vcc9IWKEH70>. Acesso em 11 MAR 2018

⁶ Disponível em: www.youtube.com/watch?v=EtxaK4cfA6o. Acesso em 11 MAR 2018

proposto pelo Governo é gesto que tende a silenciar tais existência, não considerando tais sujeitos como públicos, pautados por vulnerabilidades e novas necessidades sociais. Inicialmente, ainda, estes corpos são apropriados dramaticamente na tentativa de conscientização dos públicos contra o mosquito *Aedes*. Faz-se necessário explicitar que o objetivo de nossos apontamentos não é criticar a preocupação e a necessidade de se combater o vetor das doenças e sim demonstrar que por muito tempo, a vida desses sujeitos serviu, no âmbito da comunicação organizacional, única e exclusivamente para este fim.

Importante observar também que as principais tentativas de naturalização e inserção das imagens destas crianças não vieram do próprio Governo a princípio. A festa de aniversário foi iniciativa do Hospital em que essas crianças fazem acompanhamento, por pessoas que participam do cotidiano destas e que, portanto as veem como aquilo que de fato são: crianças. Da mesma maneira, a exposição MacroAmor é fruto da parceria entre o fotógrafo Joelson e a UMA. Joelson acompanhou as mães desde pouco tempo após o nascimento e as famílias experimentam esse contato desde a gravidez. Novamente a iniciativa parte daqueles que vivenciam o contato com essas crianças e possuem a sensibilidade para apontar a necessidade da aparência destas. Aqui, é possível observar como a emergência do dissenso, por parte dos próprios públicos, foi fundamental para que o próprio âmbito dos discursos oficiais (organização comunicada) pudesse ser forçado, de algum modo, a representar tais sujeitos e suas estéticas no âmbito das identidades organizacionais do Governo.

Dito por outras palavras, pode-se observar como aqueles a quem é negada a participação no espaço público recorrem a manifestações estéticas para que essa diferença na partilha do sensível passe a ser notada. Cabe à organização, portanto, se atualizar perante estas novas ressignificações construídas pelos públicos, ainda que, como foi observado ao final da análise, a organização comunicada ainda tente se ater as noções de identidade previamente construídas pelo Governo, mantendo o mesmo discurso dramatizado em relação a estes sujeitos, e, ironicamente, tendo a humanizar muito mais o mosquito do que tais públicos.

Nota-se também, ao contemplar as narrativas e as identidades construídas pelo Ministério da Saúde durante estes dois anos, que o Governo não consegue (ou pouco consegue) distinguir a aparição dos sujeitos com microcefalia da necessidade de combate ao vetor do vírus zika. Ao apropriar-se das imagens destes sujeitos para a construção de uma narrativa de conscientização, o Ministério se dá por satisfeito em termos de aparição destes sujeitos, além de dividir a responsabilidade do controle do vetor com a população. Contudo é por meio das aparições advindas de outras entidades que o Governo passa a (começar a) compreender que a

microcefalia não deveria ser representada única e exclusivamente da forma dramatizada que construíram ao longo dos anos.

Ainda, na continuidade desse projeto de pesquisa, com previsão de encerramento em julho de 2019, pretende-se analisar como a microcefalia aparece na mídia e no dia-a-dia das pessoas (por meio das redes sociais). Contudo, ao observarmos apenas os discursos do Governo Federal como organização comunicada se faz possível supor que todas as aparições destas crianças tiveram origem nas pressões e demandas apresentadas por aqueles sujeitos diretamente envolvidos nos casos. Tem-se, nesse sentido, a importância do dissenso, no âmbito da organização comunicante, como gesto essencial à comunicação organizacional, na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sensível às vulnerabilidades e direitos de inúmeros públicos negligenciados pelas ações governamentais.

Referências

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, v. 6, n. 10-11, p. 115-120, 2009.

BALDISSERA, Rudimar. Tensões Dialógico-Recursivas entre a comunicação e a Identidade Organizacional. **Organicom**, ano 4, nº7, 2007. P.231-242

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. Cadernos de pesquisa. São Paulo. N. 114 (nov. 2001), p. 197-223, 2001.

FREITAS, Adriana; MAFRA; Rennan. Comunicação organizacional, microcefalia e estéticas da diferença: análise de discursos do Governo Federal frente à epidemia do vírus do zika. In: IV Seminário Internacional de Comunicação Organizacional, 2018 Belo Horizonte. **Anais...** No prelo.

MARQUES, Ângela; MAFRA, Rennan: Topografias do diálogo nos contextos organizacionais. In: **Comunicação organizacional: Vertentes conceituais e metodológicas**. MARQUES, Ângela, et al. (Orgs.). Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2017, p.83-98.

MARQUES, Ângela; MAFRA, Rennan. O diálogo, o acontecimento e a criação de cenas de dissenso em contextos organizacionais. **Dispositiva**, v. 2, n. 2, p. 2-20, 2014.

MARQUES, Ângela; MAFRA, Rennan. Diálogo no contexto organizacional e lugares de estratégia, argumentação e resistência. **Organicom**, v. 10, n. 19, p. 72-84, 2013.

SALGE, Ana, et al. Infecção pelo vírus Zika na gestação e microcefalia em recém-nascidos: revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. 2016